



**Q** “O ministro (Alexandre de Moraes) é inteligente, corajoso e obstinado. Não se briga com Moraes. A gente se une a ele”

**Tarcísio de Freitas**, em frase que costuma repetir para aliados de Jair Bolsonaro



**Mudança de rota.** Tarcísio decidiu em concorrer ao governo de São Paulo e foi convencido pelo ex-ministro da Fazenda e economista Delfim Netto



mo Tarcísio, Nikolas é preparado para um dia ser o nome da direita para o governo de Minas Gerais, reduto onde Lula venceu Bolsonaro por pouco em 2022.

**Q**uando Bolsonaro surgiu com a ideia de lançar Tarcísio para o governo de São Paulo, em 2021, o então ministro da Infraestrutura foi o primeiro a se opor à ideia. Tarcísio já tinha conversado com o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), e estava decidido a concorrer a uma vaga no Senado pelo estado. Quería permanecer em Brasília onde vive sua mãe e onde estudavam seus filhos.

Foi o desempenho do ministro no evento batizado de “Infra Week”, em abril de 2021, onde foram realizados vários leilões no setor de transportes, e os elogios anfitriões do empresariado que convenceram Bolsonaro de que Tarcísio era o nome para a eleição paulista.

Na tentativa de demover o chefe daquela ideia, o ministro chegou a defender que Bolsonaro buscasse o ex-governador Geraldo Alckmin para ser seu candidato em São Paulo. Na ocasião, telefonou ao ex-tucano para articular um acordo entre ele e o presidente, mas Bolsonaro foi taxativo ao rejeitar a hipótese.

—Você não entende nada de política, Tarcísio. Ele vai

para a esquerda — lembra o governador, que, oito meses depois, viu Alckmin se filiar ao PSB e ser apontado como o vice de Lula para a corrida ao Planalto.

Tarcísio decidiu fazer uma série de conversas para sondar suas chances antes de aceitar a missão. Procurou o ex-presidente Michel Temer (PMDB), o economista e presidente do Insper, Marcos Lisboa, o banqueiro José Olympio Pereira, entre outros. O encontro decisivo, no entanto, foi com o ex-ministro da Fazenda e economista Delfim Netto. É mais um diálogo que gosta de reproduzir como etapa decisiva da construção da sua candidatura aos Bandeirantes.

—O Bolsonaro quer que você concorra ao governo? Está certíssimo, você tem que concorrer — disse Delfim.

—O senhor está deitado? — perguntou Tarcísio.

—Digo mais, você vai ganhar. Você tem o que o paulista gosta: entrega. Conheço seus adversários, eles não vão ter o que mostrar. Rapidamente — você agregará

muitos apoios aqui. Agora, deixa eu te perguntar. Você seduz bem com o Kassab?

—Me dou — disse Tarcísio, acenando com a cabeça.

—Procura ele — aconselhou Delfim.

Autor da célebre frase em 2011, durante o nascimento do PSD, de que o partido não seria “nem de esquerda, nem de centro e nem de

#### TARCÍSIO GOMES DE FREITAS



direita”, o ex-prefeito de São Paulo Gilberto Kassab virou coordenador da campanha de Tarcísio e, após a vitória, foi nomeado secretário estadual de Governo. Enquanto manobrava para o seu partido abocanhar três ministérios no governo Lula, Kassab tornou-se o estrategista central da engenharia de Tar-

císio para ser um bolsonarista que nem sempre faz o que o bolsonarismo deseja.

Nem sempre é possível executar o malabarismo político sem atritos. Há dois anos, Tarcísio teve que enfrentar Bolsonaro ao decidir em que partido se filiaria. O então presidente insistia que o ministro fosse para o PL, sua legenda, especialmente para carregar o número 22 na urna. Tarcísio, porém, não cogitava a possibilidade de fazer parte da sigla de Valdemar Costa Neto, cacique-mor do PL que, no passado, ele próprio apelidou de “Valdemort”, em referência ao vilão dos livros de Harry Potter.

Desde a passagem pela direção do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) no governo Dilma, entre 2011 e 2015, Tarcísio trabalhou contra a interferência política que Valdemar exercia nas principais áreas de logística do país. A pasta dos Transportes foi um feudo do PL durante as administrações anteriores do PT. Quando assumiu o cargo de ministro da Infraestrutura,

adversários de Bolsonaro começaram a se reunir. O ponto principal de discordância foi o processo de privatização da Companhia Docas de São Paulo (Codesp), gestora do porto de Santos, por onde passa um quarto das riquezas produzidas no Brasil. A estatal era considerada um ninho de intervenção política, além de produzir

sucessivos prejuízos financeiros. No lugar da Codesp, ele criou a Autoridade Portuária de Santos, que saneou as contas, mas acabava com a influência política na gestão do porto.

Valdemar se rebelou contra a privatização, pois se viu obrigado a desmontar a estrutura que mantinha nos terminais do maior porto da América do Sul. Depois de muito desgaste, discussões internas e rompimento com o mandachuva do PL, Tarcísio ganhou a briga.

Pressionado por Bolsonaro, o então ministro ameaçou desistir de concorrer ao governo paulista se fosse obrigado a se filiar ao PL. Contrariado, o então presidente decidiu liberar o pupilo para ingressar no Republicanos. Atualmente, Tarcísio reavalia a chance de migrar para o PL. Um aperto de mãos com Valdemar vem sendo ensaiado, embora conselheiros como Kassab sejam contrários ao movimento.

**A** rotina de Tarcísio no Palácio dos Bandeirantes começa às 8h e vai até 23h. Adorador da combinação McDonald's e Coca-Cola, o governador muitas vezes abre mão do almoço e sacia a fome com sanduíches e refrigerante. Na quarentena, perdeu nove quilos ao cumprir a promessa de cortar hambúrguer, pizza e doce da alimentação diária. Nos fins de semana, Tarcísio ra-

ramente sai. É comum, porém, fazer convites com a família e amigos, dividindo o microfone com famosas duplas sertanejas.

Os momentos mais leves na intimidade contrastam com as frequentes rugas com a base bolsonarista e o próprio ex-presidente. Na lista de reclamações estão a permissão para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de retomar a Feira da Reforma Agrária no Parque da Água Branca, vetada na gestão João Doria (PSDB); a recepção com pompa para a viúva de Nelson Mandela, Graça Machel, no Palácio dos Bandeirantes; e a sanção do projeto que instituiu o Dia da Consciência Negra, em São Paulo. No fim de 2023, numa reunião acalorada com deputados aliados na Assembleia Legislativa de São Paulo sobre o aumento do ICMS, o governador desabafou dizendo que “se queriam um bolsonarista raiz, elegeram o cara errado”.

O ápice da crise ocorreu após gestos do governador em apoio à Reforma Tributária encaminhada pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT). Bolsonaro ficou transtornado ao ver, pela televisão, o afiliado político dizer que “concordava com 95%” da proposta. Após a cena, o ex-presidente chamou Tarcísio para uma conversa em tom de lavagem de roupa suja. A primeira reunião foi a portas fechadas.

Com a crise deflagrada, bombeiros entraram em cena para pôr panos quentes. O principal deles foi o ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), Jorge Oliveira. Ex-ministro da Secretaria-Geral da Presidência no governo passado e amigo da família Bolsonaro, Oliveira foi um dos responsáveis por aproximar Tarcísio e o então presidente eleito na transição, em 2018. O ministro do TCU ligou para o ex-presidente e defendeu a posição do governador, enfatizando o argumento de que a reforma havia sido originada em seu governo. Oliveira também marcou conversas com parlamentares que atacaram Tarcísio e fez duras críticas, apontando o comportamento do grupo como “pior do que aquele adotado pela esquerda na gestão Bolsonaro”. A poesia baixou.

CONTINUA NA PÁGINA 14